

Matica: migrantes venezuelanos e redes migratórias em Boa Vista, Roraima

Matica: venezuelan migrants and migration networks in Boa Vista, Roraima

Germano Lopes Ângelo

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil

Olendina de Carvalho Cavalcante

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil

RESUMO

Migração é um fenômeno contemporâneo no Brasil. O mais acentuado é a dos venezuelanos que entram ao território brasileiro a partir da cidade de Pacaraima que faz fronteira com a Venezuela. Esta cidade está localizada no Estado de Roraima. A maioria teve como destino em um primeiro momento a capital deste Estado. A migração é um fenômeno contemporâneo no Brasil, destacando-se especialmente a dos venezuelanos que entram no território brasileiro pela cidade de Pacaraima, na fronteira com a Venezuela. Esta cidade está localizada no Estado de Roraima, e a maioria dos migrantes tem como destino inicial a capital deste Estado. O presente artigo possui dois objetivos. Primeiramente, compreender a construção das redes migratórias em três espaços de sociabilidade dos migrantes venezuelanos. Em segundo lugar, analisar o papel dessas redes no processo migratório venezuelano em Boa Vista, Roraima. Para atingir esses objetivos, descrevemos a organização e a dinâmica de três espaços de sociabilidade chamados de *maticas*. Esses espaços estão localizados no perímetro urbano da capital do estado de Roraima. Os migrantes venezuelanos utilizam esses espaços para oferecer sua força de trabalho de maneira informal, uma vez que não têm interesse no trabalho formal, devido a estratégias de sobrevivência. Nossa metodologia incluiu pesquisa bibliográfica sobre a migração venezuelana e a realização de etnografia participante, na qual ouvimos as narrativas de três migrantes venezuelanos, os integrantes mais antigos de cada espaço. Seguindo a abordagem de Clifford Geertz (1989), buscamos interpretar em segunda ou terceira mão a cultura dos migrantes que interagem nesses espaços. As *maticas* funcionam como redes de acolhimento migratório tanto em âmbito nacional quanto internacional. Nesses espaços, são construídas redes pessoais, sociais e migratórias, permitindo que os migrantes enfrentem a exclusão a que são submetidos por meio da interiorização da Operação Acolhida, conforme relatado por nossos interlocutores.

Recebido em 15 de junho de 2023.

Avaliador A: 03 de agosto de 2023.

Avaliador B: 13 de outubro de 2023.

Aceito em 04 de dezembro de 2023.



Palavras-chave: Migração venezuelana, Redes pessoais, Redes sociais, Redes migratórias, Trabalho informal.

ABSTRACT

The Migration is a contemporary phenomenon in Brazil, with a significant influx of Venezuelans entering Brazilian territory through the city of Pacaraima, which borders Venezuela. This city is located in the state of Roraima, and most migrants initially head to the capital of this state. present article has two main objectives. Firstly, to understand the construction of migratory networks within three sociability spaces among Venezuelan migrants. Secondly, to analyze the role of these networks in the Venezuelan migration process in Boa Vista, Roraima. To achieve these goals, we describe the organization and dynamics of three sociability spaces known as “*maticas*.” These spaces are located within the urban perimeter of the state capital of Roraima. Venezuelan migrants utilize these spaces to offer their labor informally, as they are not interested in formal employment due to survival strategies. Our methodology included bibliographic research on Venezuelan migration and participatory ethnography, during which we listened to the narratives of three Venezuelan migrants, who are the longest-standing members of each space. Following Clifford Geertz’s (1989) approach, we sought to interpret, secondhand or thirdhand, the culture of migrants interacting in these spaces. The “*maticas*” function as networks for migrant reception, both at the national and international levels. Within these spaces, personal, social, and migratory networks are built, enabling migrants to navigate the exclusion they face through the internalization of *Operation Acolhida*, as reported by our interlocutors.

Keywords: Venezuelan migration, Personal networks, Social networks, Migratory networks, Informal labor.

INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado de uma pesquisa iniciada em 2018. Nesse ano, elaboramos um vídeo etnográfico que foi apresentado na Reunião Equatorial de Antropologia - REA (2019). Em 2019, iniciamos a segunda fase da pesquisa, um estudo que resultou em nossa dissertação de mestrado em 2021. Agora, em 2023, durante o doutorado, elaboramos este artigo com base na nossa dissertação e nas literaturas atuais sobre a migração venezuelana.

Assim como em 2018, em 2109 fizemos novamente o mapeamento dos espaços

apropriados pelos migrantes venezuelanos e identificamos pouco mais de seis em um primeiro momento. Era algo fora do comum essa mobilidade humana, nunca antes vista numa cidade pacata, com pouco mais de 400 mil moradores. Após a intensificação da migração em 2017, se instalaram no estado de Roraima 40 mil migrantes, o que correspondia à metade dos que até então tinham ingressado no país pela fronteira norte. No ano de 2022, havia mais de 100 mil venezuelanos residindo de maneira permanente no estado, que agora conta com pouco mais de 600 mil habitantes, incluindo os venezuelanos, segundo a pesquisa realizada pelo Instituto de Geografia e Estatística do Brasil (IBGE), isso em 2022. Em 2023, a mobilidade humana venezuelana continua intensa.

Para este estudo, realizamos uma etnografia com observação participante em cada uma das três *maticas*. Como diria Clifford Geertz (1989), se faz etnografia nos espaços e não dos espaços. Durante a etnografia, mantivemos conversas informais, usamos o diário de campo e também aplicamos uma entrevista semiestruturada a três dos nossos interlocutores. O critério era que deveriam ser os membros mais antigos de cada espaço, no intuito de complementar os dados para responder os nossos objetivos.

Os objetivos deste artigo são compreender a organização e as dinâmicas das *maticas* e entender como são construídas as redes pessoais, sociais e migratórias que mediam a inserção social na sociedade boa-vistense e brasileira como um todo.

Sayad identifica dois tipos de movimentos: imigrar e emigrar. Emigrar significa sair de um país para viver em outro, enquanto imigrar significa entrar em um país para viver nele. Ambos os movimentos são interdependentes e fazem parte de uma ordem nacional solidária, ou seja, estão conectados e influenciam-se mutuamente.

Portanto, o termo “migrante” é usado para se referir tanto ao indivíduo que emigra quanto ao que imigra, conforme a definição de Sayad. Isso ajuda a entender que a migração é um processo complexo que envolve tanto a saída quanto a entrada de pessoas em diferentes países, e que esses movimentos são parte de um sistema maior de relações sociais e econômicas.

Três espaços foram escolhidos a partir do número de migrantes que os ocupavam, localizados no bairro Cidade Satélite, na Zona Oeste de Boa Vista, quais sejam, *A Matica*, *La Sede* e *Puesto el índio*. Mesmo que os outros espaços não tenham a sombra de uma ou várias árvores, serão chamadas de *maticas*, porque seu funcionamento e sua dinâmica são semelhantes, como veremos ao longo deste artigo. As *maticas* fazem parte da rede de acolhimento migratória de muitos migrantes venezuelanos em Boa Vista.

O BRASIL PAÍS QUE ACOLHEU MILHARES DE MIGRANTES VENEZUELANOS? O CASO DE BOA VISTA, CAPITAL DO ESTADO DE RORAIMA

Atualmente o Brasil não enfrenta mais a escassez de trabalhadores de tempos passados, no entanto os migrantes venezuelanos não desfrutam de privilégios, incentivos ou benefícios migratórios. A Operação Acolhida, responsável por lidar com a chegada desses migrantes, não consegue atender à demanda devido ao grande número de pessoas chegando. Nos próximos tópicos, abordaremos mais detalhadamente a Operação Acolhida e o processo de interiorização.

Os migrantes chegam ao Brasil a partir da fronteira, entrando pela cidade Pacaraima, e de lá se deslocam diariamente até Boa Vista, seja a pé, seja de táxi, seja de carona, e vão sobreviver do trabalho informal. Sobre essa dinâmica de entrada no país, E. Durham (2004) nos diz que:

O migrante supera as limitações de sua posição inicial à medida que constrói a sua carreira. No início, o migrante é inteiramente dependente das relações pessoais, baseadas em vínculos de parentesco ou amizade que o encaminham para a obtenção do emprego. Inicialmente, portanto, o imigrante não tem nenhuma “escolha” na procura de ocupação. Premido pela necessidade, limitado pela ignorância do mercado de trabalho, ele aceita qualquer emprego e depende, em grande parte, das indicações dos membros do grupo primário do qual faz parte. Mas a obtenção de um emprego e de um lugar para mora alarga imediatamente o horizonte do migrante (Durham, 2004, p. 194).

Logo, neste cenário, conforme os estudos de Massey (1993), as redes de sociabilidade representam a forma como as pessoas integram um determinado espaço. É uma construção histórica e social que ajuda a entender as relações de poder que envolvem a sociedade e o espaço. A dinâmica das migrações ganhou novo contorno. Novos movimentos populacionais se redesenham em função das redes de sociabilidades.

Dentre os tipos de migração, destacam-se as migrações forçadas e as voluntárias. No caso dos venezuelanos, sua experiência pode ser compreendida como uma migração por sobrevivência. Mas o que exatamente significa migração por sobrevivência? Segundo Alexandre Betts, citado por Almeida (2015, p. 225), refere-se às pessoas que se encontram fora de seu país de origem devido a uma ameaça real à sua existência, sem acesso a soluções dentro de suas próprias fronteiras físicas. Nesse contexto, a migração venezuelana pode ser considerada forçada, segundo Almeida (2015, p. 221).

As redes de sociabilidade desempenham um papel crucial na chegada às *maticas* e envolvem amigos e familiares. É nas *maticas* que se formam redes migratórias a partir da acumulação de conhecimento. Segundo Oswaldo Truzzi (2008, p. 207), o migrante é um “[...] agente racional que persegue objetivos e mobiliza recursos, não apenas para escolher destinos,

mas também para se inserir no mercado de trabalho na sociedade receptora”.

Dessa maneira, dificilmente alguém que não tenha algum conhecido que já trabalha ou trabalhou nas *maticas* procura esse espaço para sobreviver oferecendo seus serviços. Já aqueles que não têm essas redes, ficam à deriva nas ruas, em busca de trabalho: são os chamados *caras y locos*¹.

No contexto da migração venezuelana em busca de sobrevivência, mais de 50 mil venezuelanos estavam estabelecidos em Boa Vista, capital do estado que faz fronteira com Venezuela, no ano de 2019. A maioria dos migrantes evitava se afastar da fronteira física com seu país de origem, mantendo a esperança de uma estadia provisória e aproveitando a facilidade de envio de alimentos e dinheiro para seus familiares que haviam permanecido na Venezuela. Essas informações foram relatadas ao longo de nossa pesquisa nas *maticas*. O objetivo dos migrantes nesse momento era garantir a sobrevivência dos familiares e uma reunificação familiar, caso o período de estadia se prolongasse no território brasileiro.

Segundo Oliveira (2019), os migrantes que optavam por ficar na cidade à qual se deslocaram eram aqueles que

[...] estavam entre os menos escolarizados e as razões para permanência se dividiam entre ficar próximo à fronteira e o argumento que já estavam integrados à sociedade local. Esses dados sugerem que quanto mais vulnerável, maior o receio de se distanciar do país de origem. Muito provavelmente, a alegada integração pode estar associada ao trabalho no mercado informal, que, apesar de remunerar mal, garantia algum recurso de sobrevivência e, até mesmo, auxiliar quem permaneceu na Venezuela, por intermédio do envio de remessas ou bens de primeira necessidade (Oliveira, A., 2019, p. 229).

Nas *maticas*, espaços frequentados exclusivamente por migrantes do gênero masculino, os desbravadores desempenham um papel crucial. Esses pioneiros são os primeiros membros da família a se aventurar, buscando estabelecer-se e integrar-se na sociedade boa-vistense. Seu objetivo primordial é preparar o terreno para a chegada de seus familiares.

Durante nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de ouvir os líderes dessas *maticas*. Para preservar seu sigilo, utilizamos nomes fictícios. Um desses líderes é Júlio, do espaço da primeira *matica*. Comerciante varejista natural do Estado de Sucre, ele deixou sua família na Venezuela enquanto busca melhores condições de vida no Brasil:

Deixei tudo para trás e vim para essa nação melhor, para dar uma vida para minha esposa e meus dois filhos que estão na escola, e eu não tinha como ajudá-los, eles estavam passando muita fome na Venezuela. Minha família já estava passando muitas necessidades, muito antes da gente vir para cá (Júlio, 2021).

¹ São chamados assim os migrantes venezuelanos que aceitam qualquer oferta pela sua força de trabalho e que não pertencem a nenhum e que andam na rua com a enxada nos ombros, segundo os dados coletados nas *maticas*.

Luís de la Sede, (trabalhador informal):

Tive que encontrar uma maneira de migrar para outro país, para melhorar para mim e para minha família. A situação do país, a economia – trabalhava, mas não tinha condições de levar alimentos pra casa, pra minha família. O que me levou a migrar foi a situação do país. Eu vim para Boa Vista para trabalhar e trazer minha família para ter uma vida melhor, eles estavam praticamente passando fome lá (Luís, 2021).

Nelson, de *Puesto el indio* (pintor):

Vim do estado de Bolívar, eu sou do estado de Bolívar. O governo começou com todos os problemas, não tinha trabalho, eu não tinha nada a fazer, porque não existia quase nada. E eu perdi tudo lá com a crise do país e ainda deixei o pouco que me restava, pois nós tivemos que sair do nosso país para tentar sobreviver, nossas famílias que ficaram na Venezuela estão morrendo, algumas de fome, outras de trabalho escravo, a vida é muito dura, não é fácil esta vida (Nelson, 2021).

A migração venezuelana apresenta uma particularidade marcante: sua rapidez e o despreparo dos países e da região “[...] para receber os imigrantes”. Como observado por Oliveira (2019, p. 221), os migrantes não traziam consigo uma cultura migratória em seu cerne social.

A maioria dos migrantes mais antigos ou quase a totalidade deles não possuía redes estabelecidas antes de sua chegada ao Brasil. Inicialmente, muitos imaginavam que sua permanência seria sazonal e que logo retornariam à Venezuela. No entanto, como aponta Sayad (1998), o migrante se esforça para convencer a si mesmo de sua condição provisória em uma sociedade receptora, mesmo quando as evidências apontam para o contrário.

A crença na provisoriade, aliada à busca pela sobrevivência e à necessidade de enviar recursos para as famílias que ficaram na Venezuela, faz o migrante a aceitar trabalhos informais e precários

[...] que a população local não “deseja” fazer. Dependendo do contexto específico em que ocorre o fenômeno migratório, o migrante é estigmatizado como diferente dos moradores do lugar por apresentar costumes diferentes e, conseqüentemente, causa estranhamento na população local. Esse tipo de situação evidencia, por exemplo, uma das maiores dificuldades encontradas em se adaptar ao local de destino, que é exercer outra profissão diferente da que exercia no lugar de origem como estratégia de sobrevivência, o que desperta estranhamento no próprio migrante e nas pessoas com quem ele interage (Santos, 2018, p. 119).

Assim, mesmo que o trabalhador migrante venezuelano exerça uma atividade não desejada pelos boa-vistenses, é visto como alguém que pode tomar a vaga dos locais, ao ofertar seus serviços a preços abaixo do mercado. Na sua condição de sobrevivência, ou se submete, ou perece, gerando, assim, conflitos entre boa-vistenses/migrantes e entre os que ficam nas *maticas* e os *cara y locos*.

A representação social criada em torno do migrante venezuelano surge, em grande parte, do temor de que eles ocupem vagas de trabalho no mercado local. Essa preocupação se insere em um contexto econômico brasileiro e boa-vistense que não é particularmente positivo.

É necessário ressaltar que o congelamento dos gastos públicos no país ocorreu muito antes da chegada dos migrantes, no entanto o estigma associado aos migrantes está intrinsicamente ligado ao papel social que desempenham na sociedade receptora. São frequentemente responsabilizados pelos problemas relacionados à saúde, à segurança e à educação. Sobre isso, Carlos Junior salienta que

[...] a insuficiência de recursos para atendimento adequado de saúde, somado ao ressurgimento de doenças infectocontagiosas que haviam sido erradicadas do Brasil, tem sido foco de constante preocupação por parte de autoridades nacionais e estrangeiras. Além disso, o aumento do déficit habitacional em Roraima, o esgotamento da capacidade do sistema de ensino em absorver as crianças venezuelanas, a saturação do mercado de trabalho local aliado ao aumento do trabalho escravo, corroboram para o agravamento dos desequilíbrios sociais, criando uma população venezuelana marginalizada dentro do território nacional. Tais fatos tem acarretado uma aversão natural ao venezuelano, podendo evoluir para uma xenofobia em massa (Júnior, 2018, p. 69).

Por outro lado, sabemos que a migração venezuelana impulsionou a economia roraimense, segundo o estudo publicado pela Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV-Dapp), pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra) e pela Universidade Federal de Roraima - UFRR (2020), entre 2016 e 2017, o produto bruto interno do estado foi 2,3%, diante de 1,4%, a média dos estados brasileiros à época. A economia roraimense experimentou uma diversificação na ordem dos 8%, quando o PIB é comparado aos outros estados.

Destaca-se também que, entre 2017 e 2018, Roraima seria o estado com o maior aumento de área plantada; o comércio varejista também experimentou um crescimento entre os anos de 2018 e 2019, com uma arrecadação do ICMS maior no mesmo período. Isso seria “[...] um indício de que o consumo de bens e serviços cresceu de forma diferenciada em comparação com os outros Estados, dado que não foram detectadas mudanças significativas de alíquota nesse período” (FGV-DAPP; OBMigra; UFRR, 2020, p. 15).

A OPERAÇÃO ACOLHIDA E SEU PAPEL NO PROCESSO DE INSERÇÃO POR MEIO DA INTERIORIZAÇÃO

A Operação Acolhida é executada e coordenada pelo governo federal, em conjunto com mais de uma centena de entidades da sociedade civil. Sobre ela, pode-se dizer que:

Desde o início da crise migratória, até janeiro de 2020, estima-se que mais de 264 mil migrantes e refugiados venezuelanos entraram e permaneceram no Brasil. A Operação Acolhida está organizada em três eixos:

- 1) ordenamento da fronteira – documentação, vacinação e operação de controle do Exército Brasileiro;
 - 2) acolhimento – oferta de abrigo, alimentação e atenção à saúde;
 - 3) interiorização – deslocamento voluntário de migrantes e refugiados venezuelanos de RR para outras Unidades da Federação, com objetivo de inclusão socioeconômica.
- Em 2019, a Operação Acolhida teve continuidade, organizando a chegada, garantindo atenção à saúde e fortalecendo a interiorização de milhares de migrantes e refugiados venezuelanos que chegavam pela fronteira.

Ao entrar no País, o migrante e refugiado venezuelano dirige-se ao Posto de Recepção e Identificação (PRI). Enquanto aguarda atendimento, recebe água, lanche e pode utilizar banheiros. O posto controla e organiza [...], realizando a expedição de documentos e oferecendo auxílio médico aos migrantes e refugiados venezuelanos em sua chegada. Em seguida, são encaminhados para um dos 13 abrigos e para o processo de interiorização. (GOV.BR. Acolhida, 2020).

No que tange ao processo de interiorização, o site informa que o governo federal e parceiros (Agências das Nações Unidas e organizações da sociedade civil) oferecem inserção social e econômica aos migrantes com o objetivo de aliviar a carga dos serviços públicos no estado de Roraima. Ao total já foram interiorizadas mais de 30 mil pessoas para mais de quatrocentas cidades no interior do Brasil, isso até 2020. Assim, o processo de interiorização é realizado apenas com:

[...] os migrantes e refugiados venezuelanos regularizados no Brasil, imunizados, avaliados clinicamente e com termo de voluntariedade assinado podem participar das ações. Existem diferentes modalidades, que incluem: saída de abrigos em RR para abrigos em uma das cidades de destino; reunificação familiar; reunião social; e com vaga de trabalho sinalizada. Os abrigos nas cidades-destino podem ser estaduais, municipais, da sociedade civil ou federais mistos, com moradia fornecida por entidade da sociedade civil ou organização religiosa (GOV.BR. Acolhida, 2020).

REDES PESSOAIS SOLIDÁRIAS: UMA PROPOSTA PARA COMPREENDER A INSERÇÃO SOCIOCULTURAL DOS MIGRANTES VENEZUELANOS NO BRASIL

Para driblar a exclusão a que estão submetidos, muitos dos migrantes que ouvimos nas *maticas* utilizam as redes pessoais criadas nesses espaços como critério para serem interiorizados. A estratégia da “vaga de trabalho sinalizada” e da “estadia garantida” são quesitos que os migrantes buscam atender para serem considerados na deleção da Operação Acolhida. Quando não são selecionados pela operação, essas estratégias se tornam ainda mais relevantes para sua

inclusão

É de suma importância refletir sobre esse assunto. Observamos que as redes pessoais, sociais e migratórias, também conhecidas como capital social ou capital social solidário, conforme proposto por Oswaldo Truzzi (2008), não intermediam efetivamente a inserção sociocultural do migrante em Boa Vista e Manaus. Nesse contexto, surge uma categoria propomos chamar de “rede pessoal solidária”.

Quando os migrantes são interiorizados, especialmente os mais jovens ou aqueles que têm melhor formação profissional, podem solicitar, por meio de uma carta de comprometimento, a participação na Operação Acolhida, que visa a facilitar a interiorização dessas pessoas, à espera de uma oportunidade.

As redes pessoais solidárias são relações pessoais de confiança assistida que podem ser construídas com base em laços familiares ou afinidades fora do círculo familiar. Essa abordagem difere do capital social solidário de Oswaldo Truzzi (2008), que se refere a relações dentro das redes migratórias. Ao longo do artigo, abordaremos a rede pessoal solidária, buscando fundamentar nossa proposta teórica.

MATICAS: EM BUSCA DA SOBREVIVÊNCIA E INSERÇÃO NA SOCIEDADE LOCAL E NACIONAL

Antes de continuarmos a busca pela compreensão da organização e da dinâmica para entender a construção das redes pessoais, sociais e migratórias em três espaços de sociabilidade chamados de *maticas*, vamos debater sobre o que seriam as relações sociais como redes no processo migratório.

Para entender como as redes migratórias se iniciam, é importante observar que os primeiros migrantes desbravam o caminho para que, no futuro, outros possam realizar o mesmo trajeto com menos dificuldades. Assim, a partir da acumulação de conhecimentos e da identificação de redes de acolhimento formais ou informais, os migrantes vão tecendo suas redes migratórias. Dentro dessas redes migratórias, desenvolve-se “o capital social de solidariedade, que produz sustentação mútua entre os integrantes da rede” (Truzzi, 2008, p. 212).

As redes pessoais são as mais importantes no processo migratório, pois são construídas a partir de contatos pessoais com familiares e conterrâneos, ou seja, amigos da cidade de origem estabelecidos na sociedade receptora. Essas redes são baseadas em laços fortes de confiança e cooperação e são construídas no seio familiar ou por meio de contatos pessoais, como amigos e conterrâneos.

É por meio dessas redes pessoais que o migrante venezuelano pode alcançar objetivos no processo migratório e na inserção sociocultural em Boa Vista. Esses contatos pessoais

podem oferecer hospedagem, assistência financeira, emprego ou ajudar a conseguir um. São as conexões pessoais e não as impessoais que caracterizam o capital social solidário.

Weber Soares (2002) reforça que as redes migratórias, ou capital social, como são chamadas por outros autores, não são as mesmas que as redes pessoais, pois são estas que precedem a migração. Por outro lado, a rede migratória seria, “um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras; consiste, portanto, em rede de redes sociais” (Soares, 2002, p. 12).

Ainda sobre as redes migratórias, Barbosa e Martins Jr. (2018) afirmam que as redes são um conjunto de relações sociais compostas por agentes organizados de forma horizontal que acumulam conhecimento compartilhado. Segundo os autores, à medida que as redes se estendem e se fortalecem, elas possibilitam “arranjos produtivos alternativos e solidários” e formas mais participativas e efetivas de exercício da democracia e da inserção social (Barbosa; Martins Jr., 2018. p. 241).

Outro fator importante que cabe frisar é que as redes sociais pessoais têm se mostrado cada vez mais relevantes em diversos contextos, incluindo o contexto migratório venezuelano na terceira década do século XXI. Elas se constituem não apenas por meio do contato direto, mas também por meio de tecnologias de comunicação e informação, que foram evidenciadas durante a pandemia da COVID-19. Isso remete ao pensamento de Manuel Castells (2005), que argumenta que essas tecnologias influenciaram diversos tipos de relações sociais, evidenciando a sociedade da informação em que vivemos.

Segundo Barbosa e Martins Jr. (2018), as

[...] novas formas de relações sociais (...) configuradas pela intensificação dos fluxos econômicos, culturais, informacionais e migratórios promovidos pela globalização. Entre outras coisas, possibilitam à [sic] constituição de formas de integração de indivíduos e de grupos sociais que se voltam para a minimização dos custos de transação inerentes ao intercâmbio das experiências humanas (Barbosa; Martins Jr., 2018, p. 242).

Assim, como outros migrantes, os venezuelanos se apropriam das tecnologias para migrar, uma grande parcela dos boa-vistenses as utilizaram para criar uma representação social estigmatizada, segundo Erving Goffman (1975), e do sujeito “indesejável” de Iana Vasconcelos (2021). Dessa forma, as tecnologias podem ser usadas como “uma ferramenta para a construção de projetos” (Cardoso, 2005, p. 32), sejam eles para ações solidárias ou depreciativas. No entanto, voltando ao uso das redes no processo migratório, Barbosa e Martins Jr. (2018) apontam que as redes “[...] também promovem um conjunto de coerções e constrangimentos que incide sobre as ações dos agentes sociais (indivíduos ou grupos), instaurando, assim, formas de controle e de exclusão que podem contribuir para reproduzir e reforçar desigualdades” (Barbosa; Martins Jr., 2018, p. 242).

Os autores supracitados reforçam a ideia de que as redes são formadas por agentes e

grupos sociais e que esses indivíduos, por meio das redes, mobilizam e fortalecem valores compartilhados e identidades específicas. Segundo Weber Soares (2002), as redes migratórias são compostas pelas redes das redes sociais e se iniciam a partir das redes pessoais.

Para Weber Soares (2002, p. 12), rede social é um “conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. Uma rede social, em virtude do processo em torno do qual ela se organiza, pode abrigar várias redes sociais”.

Por outro lado, a rede pessoal é um “tipo de rede social que se funda em relações sociais de amizade, parentesco “[...]. Rede migratória não se confunde com redes pessoais; estas redes precedem a migração e são adaptadas a um fim específico: a ação de migrar” (Soares, 2002, p. 12).

Compreende-se que as redes migratórias representam uma forma de capital social, embora se diferenciem do capital social solidário e da rede pessoal de solidariedade assistida. Todas desempenham um papel crucial no processo migratório, auxiliando os migrantes a superar as barreiras que enfrentam quando chegam às sociedades receptoras. O capital social solidário baseia-se em relações próximas e oferece apoio ao migrante, seja por meio de contato direto, seja por comunicação assíncrona e síncrona.

Por outro lado, a nova categoria que propomos para os estudos migratórios, denominada “redes pessoais solidárias”, está fundamentada em relações pessoais de confiança assistida. As redes pessoais solidárias desempenham um papel mais ativo na inserção sociocultural dos migrantes nas sociedades receptoras, pois, além de serem baseadas na confiança mútua, acompanham diretamente o migrante no dia a dia, durante o processo de inserção sociocultural na nova sociedade.

Para fundamentar nossa tese, recorreremos ao exemplo relatado por Simone Tavares da Silva (2022): um casal de migrantes residente em Manaus ofereceu hospitalidade a uma família de venezuelanos recém-chegados, enquanto eles buscavam um local para estabelecer residência. Essa família foi acolhida no terminal rodoviário e permaneceu uma semana na casa do casal: “A família Monagas expressou profunda gratidão pelo convite de sua conterrânea” (Silva, 2022, p. 209).

Em outra situação, Silva (2022) descreve como uma família que estava retornando à Venezuela confiou seu pecúlio a um casal de venezuelanos. Emocionados, eles comentaram: “[...] Allan e sua família são pessoas muito boas e que foi muito ajudado por ele que lhe deu uma oportunidade de emprego em sua barbearia logo quando chegou à Manaus e depois para sua esposa” (Silva, 2022, p. 199).

Sobre essa questão, Silva (2022) enfatiza a importância das redes sociais no processo migratório, especialmente para inserção dos migrantes na nova sociedade. No entanto, ela ressalta que as redes sociais, por si só, não são suficientes. É necessário que “se desenvolvam relações confiáveis que conectem a origem e o destino, nas quais o imigrante possa encontrar apoio e orientação para enfrentar os desafios da migração e se integrar de maneira mais eficaz

na nova comunidade” (Silva, 2022. p. 68).

Observamos que as redes pessoais, construídas por laços familiares ou amizades baseadas na confiança mútua, precisam de assistência direta para que o migrante recém-chegado possa maximizar seu processo de inserção na sociedade receptora. Nesse sentido, a rede pessoal de solidariedade assistida se diferencia do capital social solidário de Oswaldo Truzzi (2008) e de outras redes baseadas em relações sociais no contexto migratório, como verificamos nas *maticas*.

Além, disso, as *maticas* fazem parte das múltiplas redes de acolhimento para migrantes venezuelanos em Boa Vista. Ao estenografarmos esses espaços, observamos a chegada de migrantes que não possuíam redes migratórias estabelecidas. Após passarem por uma entrevista, eram direcionados a alguma moradia de um integrante das *maticas*, a fim de serem integrados ao espaço.

Nesses espaços, as interações sociais são intensas: diariamente ocorrem rodas de conversa nas quais os migrantes discutem e trocam ideias sobre estratégias para evitar que sejam enganados no momento da contratação. Esses espaços permitem que os migrantes se conheçam melhor, compartilhem seus objetivos, problemas e experiências individuais. Estes espaços são as *Maticas*.

Assim, visitamos os três espaços, identificadas como *maticas*; o primeiro espaço é a *Matica*, fundada no bairro que fica sob a sombra de uma árvore e, que fica no cruzamento de duas avenidas principais no bairro Cidade Satélite, é esta que deu origem aos outros dois espaços que também chamamos de *Maticas* pela sua dinâmica

Ainda neste contexto, D. Massey (2008) afirma que

[...] o espaço seria o encontro de múltiplas trajetórias e estaria em constante construção, precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto das relações entre relações que estão necessariamente embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre em processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado (Massey, 2008. p. 29).

Fazer etnografia é um encontro, uma intersubjetividade entre pesquisador espaço e interlocutor. Esse encontro só é possível a partir da confiança mútua. Durante nossa pesquisa em campo, utilizamos diversos instrumentos, incluindo o diário de campo, o aparelho celular e até mesmo entrevistas semiestruturadas.

Para acontecer um encontro com o outro, é necessário construir a confiança mútua entre pesquisador e interlocutor, do contrário, “[t]oca-se apenas o verniz e toca-se num verniz em que as pessoas se defendem até quando podem da invasão de que se sentem vítimas” (Brandão, 2007, p. 13-14). Os migrantes que trabalham nesses espaços moram em bairros próximos ou no mesmo bairro, e também muitos deles compartilham o aluguel de uma casa ou uma apartamento para economizar e, assim, ajudar os familiares na Venezuela.

Durante o tempo que passamos nesses espaços, ouvimos diversos relatos, bem como

discursos das relações políticas praticadas pelos boa-vistenses, devido à representação social estigmatizada criada pelos meios de comunicação da cidade. É nesse sentido que Goffman (1975), fala de uma *identidade deteriorada*.

Os migrantes afirmavam ter criado uma demanda nunca antes vista na cidade no que diz respeito ao setor imobiliário, pois os imóveis que outrora estavam locatários ficaram lotados, e muitos donos de estâncias tiveram que ampliá-los para atender a procura, o que também gerou empregos para muitos migrantes.

Entre a fala dos migrantes ouvimos algumas como estas: “Existem pessoas que pensam que o venezuelano não soma nada aqui, preciso instante um dos migrantes comenta”; “Vi em uma publicação no Facebook que um candidato² à prefeitura afirmava que, eleito, venezuelano não teria privilégios aqui”; “Só queremos trabalhar, para ajudar os nossos familiares”.

Podemos identificar como os migrantes deste espaço colocam os seus pensamentos sobre a posição de vulnerabilidade na qual se encontram por meio de suas narrativas. Além disso, os contratantes sempre buscam tirar vantagem dessa situação, de modo parecido com o que tínhamos ouvido de Júlio também na *matica*, a quem foi oferecida uma arma de fogo para que não se fosse pago.

Diante de tudo o que até aqui foi exposto, concordamos com A. Rufino (2018) no que diz respeito a estigmatização do migrante, quando afirma que as narrativas e o que observamos em campo revelam que há um distanciamento entre a sociedade receptora e os migrantes, “o que contribui para o entendimento de que os venezuelanos estão sendo acolhidos em Roraima, mas ainda não conseguiram se integrar à sociedade roraimense” (Rufino, 2018. p. 168)

Ainda neste contexto A. Rufino (2018) afirma que as

[...] [n]arrativas são marcadas por uma tendência da estigmatização social, já que a sociedade já estabelecida em Roraima demonstra um despreço pelos venezuelanos, estimulado, sobretudo, pela estereotipização efetivada nas distâncias das relações sociais, demonstradas nos trechos de falas de sujeitos sociais que fazem parte da sociedade roraimense (Rufino, 2018, p. 169).

Assim como Rufino (2018), identificamos que nas narrativas dos migrantes os boa-vistenses retratam os venezuelanos como, “invasores” acarretam sérios problemas para Roraima” (Rufino, 2018, p. 168-169)

² A fala diz respeito à postagem do candidato a prefeito de Boa Vista, o deputado federal Antônio Nicoletti (PSL), numa terça-feira (13), que utilizou sua rede social para publicar um *banner* com a frase “Na minha gestão municipal, venezuelano não terá privilégio”. A Embaixada da Venezuela no Brasil, por meio da embaixadora Maria Teresa Belandria Expósito, enviou um comunicado se manifestando sobre a atitude do candidato (Folha De Boa Vista, 2021).

ORGANIZAÇÃO E DINÂMICA DAS TRÊS MATICAS

La sede

O escritório de emprego a céu aberto ou a *matica La sede*, funciona de domingo a domingo, e saída para o trabalho nesse espaço obedece a ordem de chegada, a não ser que aquele que esteja na vez não esteja habilitado para exercer a função que lhe seja solicitada ou o cliente queira escolhê-la a dedo.

No entanto, assim como em outros espaços existem exceções à regra, certo dia um dos migrantes caminhava de uma ponta a outra do espaço, olhava pra cima, segurava o seu celular junto ao rosto, parecia que falava com alguém, parecia ansioso, preocupado e com um olhar vazio. Caminhou diretamente para a mesa e começou a lanchar. Enquanto lanchava, outro migrante chegou e nos disse que seu pai muito doente e procurava juntar dinheiro para sua passagem e para comprar remédios³; ele havia trabalhado no dia anterior e não recebera a diária – apenas lhe deram almoço, e ainda disseram que passasse na segunda para receber o pagamento de R\$ 30.

Logo, as pessoas presentes no local formaram um círculo e discutiram sobre a importância de ter clareza e especificações antes de iniciar um serviço. Eles enfatizaram que não podem começar um trabalho sem ter a certeza de que serão pagos. O período de funcionamento na sede se passa entre rodas de conversas com sorrisos e lamentos. Além de versarem sobre trabalho, as conversas também giram em torno do processo de interiorização e auto-agenciamento sobre as diárias, clientes e tipos de serviços.

Os migrantes buscam se auto-organizar e estabelecer normas e regras que garantam a clareza dos serviços oferecidos aos clientes, evitando assim conflitos. Esse processo de auto-agenciamento envolve a definição de diárias, tipos de serviços e a gestão das relações com os clientes.

Testemunhamos, por exemplo, a chegada de um cliente que recebeu uma negativa dos migrantes da *matica La sede*, pois era conhecido como mal pagador. Um dos migrantes tentava reconhecê-lo, e, ao consultar Luís, no mesmo instante todos começaram a observá-lo, até que um deles falou: “É o cara do gesso”. Os outros confirmaram: “É ele mesmo!”. Deram um grito, falando algo que não consegui entender, e sem mais palavras o migrante que estava negociando deu as costas e voltou para seu banco improvisado. Então perguntamos a Luís o que havia acontecido, e ele disse: “Esse aí não paga, é abusivo”. Alguém completou dizendo: “É *pichirre*”.

Também vimos integrantes de outras *maticas* visitando conhecidos na sede. Assim, na

³ Ao perguntarmos se não há mais escassez na Venezuela, ele nos disse que a falta de alimento e medicamento não faz mais parte da realidade venezuelana, acrescentando que o problema na atualidade era ter dinheiro para poder comprar, porque tudo é vendido em dólar.

Matica e em *Puesto el índio*, esses espaços trocavam informações sobre movimento, preço de diárias e questões familiares, entre outros assuntos.

Para esses migrantes, a migração por sobrevivência está prestes a ser superada. Isso pode ocorrer por meio do emprego desejado em Boa Vista ou pelo processo de interiorização, facilitado pelas amizades feitas nesses espaços. Essas relações podem ser claros exemplos de redes pessoais solidárias, amizades que no país de origem seriam difíceis mesmo entre familiares; quando os migrantes se veem distantes de casa e vulneráveis, no entanto, estreitam laços.

A rede pessoal de solidariedade assistida construída nesses espaços possibilitará um novo momento no processo migratório. Funciona da seguinte maneira: alguém no interior do Brasil solicita a presença de um migrante venezuelano. O migrante que solicita sua vinda se responsabiliza pelo estrangeiro junto à Operação Acolhida, por meio de cartas de intenção devidamente assinadas. Quem solicita a vinda se compromete a recepcionar o migrante e a garantir seu bem-estar até alcançar a independência financeira. Todos os que ouvimos têm como destino Curitiba, exceto Luís, que pretende se estabelecer em Boa Vista.

Ao longo dos dias nesse espaço, compreendemos que os migrantes da sede atendem a um tipo de ação social racional com relações afins no sentido weberiano – cada um deles têm seu próprio objetivo, mas estão ligados pela busca da sobrevivência e da inserção na sociedade boavistense, bem como na sociedade nacional, por meio do trabalho. As relações aí desenvolvidas vão afetar seu cotidiano e seu futuro, pois é nesse momento que se inicia a nova fase migratória para esses sobreviventes.

Puesto el índio

Puesto el índio não possui cartazes nem bancos improvisados, apenas tijolos ou pedaços de rochas que servem de bancos. A liderança dessa *matica* é o senhor Nelson, bastante comunicativo, por sinal. Em um dos dias que estivemos no espaço, nos narrou sua experiência de quase morte, vivida quando foi contratado para trabalhar na construção de uma casa no interior com sua esposa, também contratada por um coronel – assim, ele chama a pessoa que o contratou e o levou para o interior, onde iria ganhar quase R\$ 2 mil, enquanto sua esposa ganharia quase R\$ 1 mil. No entanto não receberam nada, e ainda tiveram que sair às carreiras de madrugada, depois que a esposa ouviu a conversa dos vaqueiros enquanto bebiam, dizendo que os matariam naquela noite e os culpariam pelo sumiço dos gados, que vinham vendendo sem o consentimento do coronel.

Saíram apenas com a roupa do corpo e caminharam da madrugada até o amanhecer, quando chegaram à beira da BR-174 e pediram carona até Boa Vista. Nelson voltou ao *Puesto el índio* para continuar sua busca por sobrevivência e se inserir na sociedade local e nacional.

Os migrantes aqui não têm a preocupação de chegar cedo, tal como ocorre nas outras duas *maticas*, pois, o senhor Nelson estipulou o seguinte: “Aqui só chega às 6h para poder

sair na ordem de chegada, caso todos tenham saído no dia anterior, do contrário sai aquele que não teve a oportunidade de sair” (Nelson, 2021). Segundo Nelson todos têm direito a comer e trabalhar, não só alguns.

Desta maneira, caso algum migrante não tenha sido convocado para realizar trabalho, este terá prioridade no dia seguinte. A não ser que o cliente escolha especificamente um trabalhador de sua preferência, só nessa condição a fila pode ser furada. Ao comparar com outros migrantes que fazem parte da Matica e da Sede, percebemos que Puesto el Índio se diferencia no que diz respeito à ordem de saída para o trabalho: aqui há a figura do líder, que fundou e criou as regras, moldando o espaço. Todos se referem a ele com muito carinho e respeito. Não vimos nenhum migrante de bermudas ou sandálias durante a nossa estadia nesse espaço.

Todos os migrantes também se juntam em rodas de conversa. Tal como acontece nos outros espaços, as conversas tratam das experiências e da possibilidade de interiorização a partir das redes criadas pelas amizades feitas no espaço, como no caso do senhor Nelson, que aguardava ser chamado para embarcar para Curitiba e encontrar seu filho e seu genro, que foram à capital sulista graças a um amigo de Nelson, aquele que o ajudou na fundação dos três espaços.

As redes pessoais, sociais e migratórias são construídas nesses espaços. No entanto são as redes pessoais solidárias, conforme descritas anteriormente, que possibilitam o uso da Operação Acolhida na busca pela interiorização. Dessa forma, é possível se inserir por meio do trabalho, agora em escala nacional.

Assim, Nelson, que aguarda há 2 anos sua interiorização, pôde concretizar seus objetivos graças a seu amigo Pablo, interiorizado para a cidade de Curitiba por meio da Operação Acolhida.

A Matica

Este espaço deu origem as outras *maticas*, e o objetivo de seus integrantes é buscar a sobrevivência por meio da venda de sua força de trabalho. Ao se inserirem na sociedade local e nacional por meio das redes construídas nesses espaços, muitos têm o objetivo de continuar migrando para além das terras roraimenses. Isso seria possível graças às redes pessoais solidárias construídas em cada espaço. Assim ocorreriam uma migração e um segundo momento que vai além da sobrevivência, conforme o entendimento deles.

O integrante mais antigo e o líder desse espaço é Júlio. Na *matica*, a saída para o trabalho é feita pela ordem de chegada. Ao chegarem ao espaço, os migrantes se acomodam na sombra propiciada pelas duas árvores e logo formam um círculo elíptico, onde conversam sobre trabalho, moradia, energia e bicicletas.

As conversas sobre questões mais particulares eram tratadas a dois ou no máximo entres três migrantes, “É um momento em que eu, inclusive, procuro me retirar um pouco de cena [...] para muito mais ver e procurar entender do que perguntar” (Brandão, 2007, p. 14). São nesses momentos que os migrantes saem de uma rede social migratória e de capital social solidário

para uma rede pessoal de solidariedade assistida.

As questões mais pessoais tratavam da migração para o interior. Geralmente, aquele que ficava pedia àquele que estava na fila de espera ou de partida que, ao chegar no interior do país, solicitasse a ida daquele que ficou em Boa Vista por meio da Operação Acolhida. Nesse sentido, compreendemos que as redes pessoais solidárias são as que possibilitam a interiorização por meio da Operação Acolhida, a aqueles que não eram prioridades para serem interiorizados a partir das diferentes demandas de trabalhadores no interior do Brasil, questões como a faixa etária e a baixa escolaridades faziam com que muitos ficassem em Boa Vista.

Sobre a liderança nesse espaço, como nos outros, observamos que “existe um que é aquele que dá as ordens? Ou as ordens já são mais ou menos conhecidas e as pessoas vão chegando e trabalhando?” (Brandão, 2007, p. 15). Júlio se manifestava de maneira sublime como o líder desse espaço, e os demais integrantes sempre o procuravam para mediar conflitos, da mesma maneira que ocorria com Luis na *sede* e o Índio em *Puesto el índio*. Pelo que observamos ao longo dos dias na *Matica*, a ordem de saída e por ordem de chegada, as mesmas regras da sede, porém diferente do *Puesto el índio*.

OUVINDO AS TRAJETÓRIAS DE NELSON, LUÍS E JÚLIO

Segundo Rufino (2018, p. 181), a trajetória dos migrantes venezuelanos até a chegada em Pacaraima e Boa Vista, no Estado de Roraima, configura um marco histórico para o estado, por se tratar de um contexto de imigração inaugural no Brasil.

Ainda neste contexto, Gonçalves e Lisboa (2007, p. 90) ressaltam

[...] que a técnica trajetória de vida é construída por meio da conversação com pessoas sobre sua experiência e memória. Ela ocorre através de um trabalho de campo onde é essencial que ocorra um processo de interação entre o pesquisador e os sujeitos que se colocam à disposição para compartilhar os fatos de sua vida (Gonçalves; Lisboa, 2007, p. 90).

Os questionamentos para os três foram marcantes e essenciais para esse trabalho de pesquisa. Imaginem vocês assistindo a um filme de sua própria trajetória de vida: quem é você? Por que o Brasil, e não outro país? Como foi sua viagem da Venezuela até o Brasil? Narrem suas dificuldades, alegrias, conquistas. Por que migraram, em que momento decidem migrar? Falem sobre os documentos para ingressar ao país, o momento da chegada ao Brasil, mais especificamente a Boa Vista, o início, a família. Como chegaram aos espaços?

Sempre dando o protagonismo a eles a partir de suas falas, procuramos dar mais espaço às reflexões de nossos interlocutores, a fim de conhecer suas particularidades e interpretá-los de forma indireta. Segundo Clifford Geertz (1989), a antropologia busca significados das ações

sociais, e não leis gerais. Assim, a leitura de primeira mão é a do nativo, enquanto a segunda e a terceira são do pesquisador.

Os nossos interlocutores migraram devido à crise econômica que, aos poucos, foi se agravando ao ponto de deixá-los em uma situação de vulnerabilidade alimentar, tornando-se insustentável. “[...] além de conviver com elevados índices de inflação que diminuam o poder de compra. A associação entre esses aspectos, em muitos casos, levava à fome e à desnutrição” (Oliveira, Antônio, 2017, p. 9).

A partir da narrativa dos nossos três interlocutores, observamos que suas memórias individuais são a base de suas histórias.

[...] certo, a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se nas encruzilhadas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados” (Halbwachs, 2003, p. 14).

Ainda nesse contexto, entendemos que a importância da narrativa se dá porque ela é atemporal: “[...] ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (Benjamin, 1994, p.7), diferente da informação, que “só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele” (Benjamin, 1994, p. 7). A trajetória dos três migrantes vai além-tempo, pois daqui a 100 anos ainda será uma realidade para algum povo.

Sobre a chegada ao Brasil, em específico à cidade de Boa Vista, os nossos interlocutores narram as suas experiências dos primeiros dias da seguinte maneira.

Júlio (2021):

Eu vim da fronteira até o km 100 caminhando... Foram 5 dias de viagem... Cansado, meu pé encheu de bolhas, com fome, do km 100 eu fiz uma diária e foi quando comprei uma passagem e vim para cá. Não conhecia ninguém, mas não foi fácil para mim, chegar aqui ao Brasil, vim sem reais. O primeiro mês... foi difícil ajudar minha família, porque não conseguia trabalho. Quando cheguei, fiquei na praça da rodoviária, a Praça Simon Bolívar, por indicação do taxista que nos trouxe do km 100, ele nos disse que aqui ficavam os venezuelanos, [...] lembro que cheguei à praça nesse táxi com mais dois venezuelanos, mas só dois desceram lá. Assim que chegamos já recebemos comida, refrigerante, muita gente ajudava naquela época, eu passei só três dias na praça, no quarto dia eu consegui falar com uma prima na Venezuela, que entrou em contato com meu primo que estava morando em Boa vista, eu nem sabia que meu primo estava aqui, no terceiro dia ele veio me buscar... Lá na praça eu dormia no chão, assim, na terra dura, a água vinha da bomba de um posto de gasolina bem em frente. No começo podia tomar banho normal, os trabalhadores do posto não brigavam, mas depois os venezuelanos começaram a brigar por causa das filas que se formavam pros banhos, o dono da bomba não gostava... No quarto dia, eu encontrei meu primo e fui com ele pra sua casa, e moramos lá por um ano. Aqui eu já fiz de tudo um pouco, capinei, já fui servente de pedreiro, pintor, trabalhei em borracharia remendando pneu, já trabalhei com material de construção, em madeireira (Júlio, 2021).

Luís (2021):

Primeiro eu andava na rua, tentando trabalhar, e as pessoas só falavam que não havia vagas, que está tudo lotado. Eu dizia que sou novo e que queria trabalhar, ainda não sabia da existência deste ponto *La sede*, graças a Deus com a sede dá para fazer diárias quase todos os dias.

Lembro que cheguei cinco e meia da tarde no terminal de Santa Elena e aluguei um carrinho para ir até Pacaraima, troquei um dinheirinho que tinha cambiado, ficou em 70 reais, e aí paguei a Zafira até aqui, e me cobraram 50 reais. Até aqui na princesa Isabel, onde meu cunhado trabalhava em uma oficina mecânica. Dormia em rede na oficina. Procurava trabalho até cinco horas por dia pela rua, procurava mais ou menos até duas ou três horas da tarde, eu tinha que esperar que todos os trabalhadores saíssem da oficina para poder entrar, pois tinha vergonha... Bom, depois de um tempo, meu cunhado me indicou para um colega dele, para fazer uma reforma, foi um bom trabalho, ganhava 80 reais de diária. E, aí fui conhecendo pessoas e pessoas e procurando mais trabalho.

Graças a Deus existem brasileiros bons e brasileiros ruins, né, mas os bons são mais, eu ganhava comida nas ruas, foi difícil ser recém-chegado aqui, às vezes eu ganhava dois reais, ganhava um café, graças a Deus meu cunhado trabalha com mecânica e ele comprava comida, porque eu não conseguia fazer dinheiro para poder me alimentar. Mas, no início foi difícil, a vida aqui em Boa Vista não é fácil para quem acaba de chegar da Venezuela.

Nelson teve uma experiência ruim nos seus primeiros dias em Boa Vista, por confiar em um familiar que o trouxe, tal como narra a seguir.

Eu saí dois dias em busca de trabalho, andava pelas ruas, não conseguia nada, não sabia conversar porque não entendia nada da língua daqui do Brasil, depois desses dois dias me disse [o sobrinho] que eu deveria sair da sua casa. E eu já não tinha dinheiro, não tinha trabalho, nem um teto onde morar, agora que meu sobrinho me mandou sair de sua casa. Assim, fiquei andando pelas ruas, até que um amigo me encontrou e me falou para fazermos um ponto [espaço onde ficariam ofertando a sua força de trabalho]. Eu lhe perguntei o que seria e como funcionaria. Ele me disse: “Vamos ficar nesta esquina à espera de trabalho” [*matica*]. O ponto que fizemos há 4 anos mais ou menos, e aí viemos para o ponto com nossas ferramentas [enxada, entre outras coisas], eu já sabia fazer obras, mas não sabia como trabalhava um pedreiro aqui no Brasil, mas vim para cá com minhas ferramentas, no primeiro dia não consegui nada, no segundo dia, como não tinha mais dinheiro, dormia na *matica*, tomava banho nas obras de construção por perto, comprava pão e mortadela para matar a fome; pão e mortadela foram meu café, almoço e janta.

Um dia, quando não tinha nada para comer e nem tinha conseguido serviço, dois dias sem comer, tive que comer pão que achei no lixo, pão cheio de moscas, e azedo, e muito verde, mas o que eu podia fazer, se o meu estômago pedia comida? Passei cinco dias doente do estômago, eu não tinha a quem recorrer, nem família aqui eu tinha, pois meu sobrinho que me convenceu a vir para cá virou as costas para mim. Fiquei no posto da *Matica* deitado, sozinho, aí apareceu um rapaz e conversei com ele, lhe contei o que sucedeu e ele voltou com sua esposa e seu filho, me deram uma bolsa com muitos produtos de higiene e de coisas para casa (lençol, toalhas etc.). Bom, eu nunca tinha recebido tanta atenção, comecei a chorar, porque nunca tinha passado por isso, eu tinha casa boa, um bom carro, caminhão, emprego, e agora nesta situação. Encontramos gente boa, gente ruim, eu encontrei aquele casal que me ajudou, têm muitos que nos contratam e não pagam, [...] existe muita gente boa aqui, que nos ajudam,

nos estendem as mãos, mas também existe muita gente que odeia venezuelanos, e eu digo a eles que isso é triste, pois por causa de uns poucos não podemos sofrer todos, [...] a vida que nós temos aqui não é fácil sobreviver, aqui ficou difícil.

Assim, como observamos na narrativa de nossos interlocutores, o “narrador retira da experiência o que ele conta” (Benjamin, 1994, p. 5). Ainda nesse contexto, podemos afirmar que, “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica” (Benjamin, 1994, p. 7).

Tentamos organizar as falas de nossos interlocutores de modo a dar uma temporalidade para cada ação. Sendo assim, nesta parte identificamos as redes de migração, que, segundo Truzzi (*apud* MacDonald, 2008, p. 202), seriam “[...] o movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocarem e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes anteriores”.

Assim, dois dos três interlocutores ouvidos narraram que já conheciam alguém em Boa Vista quando decidiram migrar. Um deles soube da capital por meio de um familiar que morava na cidade, a partir de uma comunicação com uma prima que estava na Venezuela. Isso nos permite entender como as redes migratórias funcionam. Além disso, a partir das narrativas percebemos como a falta de solidariedade nas redes pessoais dificultou ainda mais a situação de vulnerabilidade desses migrantes e de muitos outros, conforme relatado em conversas informais nesses espaços. Assim, nem todas as relações pessoais são de solidariedade assistida, tal como vimos no caso de Nelson, quando foi convidado a sair da casa de seu sobrinho.

Os migrantes estabelecidos vão construir redes migratórias que representam, então, um suporte importante, uma vez que garantem o acomodamento/a inserção do migrante, sendo constituídas tanto pelas pessoas e pelas relações que desenvolvem entre si como pelas organizações e instituições sociais (Dimitri, 2002 *apud* Soares, 2002, p. 413).

Ao longo deste estudo e por meio da narrativa de nossos interlocutores, identificamos outro momento migratório que não obedece a ordem de migração por sobrevivência. Após alcançarem estabilidade na cidade receptora e em suas redes, procuram se fixar. Outros vão procurar realizar uma migração “de carreira”; das categorias, esta é a que ficou mais próxima do tipo de migração que pretendem praticar, sendo assim, vamos chamar essa migração de migração do recomeço.

Em cada espaço, nossos interlocutores estabelecem regras que garantem a coesão necessária para atingir seus objetivos comuns: sobreviver, ajudar suas famílias e se inserir na sociedade receptora por meio das redes. A aceitação de um novo membro é facilitada se ele fizer parte da rede pessoal de algum integrante das *Maticas*. Os espaços de sociabilidade, chamados de *Maticas* neste estudo, possuem normas que os diferenciam entre si. Por exemplo, em duas *Maticas*, as saídas para o trabalho são condicionadas pela ordem de chegada ao espaço; no

entanto, não é permitido chegar antes das seis horas. Na *Matica* chamada *Puesto el Índio*, o migrante que não saiu no dia anterior, independentemente da ordem de sua chegada ao espaço, tem prioridade de saída. Assim funciona parte da dinâmica dos migrantes nesses espaços.

Nossa pesquisa se concentrou na migração venezuelana para o Brasil, com foco em Boa Vista. Nosso objetivo não era buscar leis que universalizassem o significado da migração, mas sim compreender esse movimento a partir da perspectiva daqueles que o vivenciam no dia a dia, nos espaços onde se orientam pela narrativa dos integrantes mais antigos de cada *matica*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo de Simone Tavares da Silva (2022) e em nossa pesquisa nas *maticas* podemos observar mais uma vez a importância das redes pessoais. No entanto é fundamental que essas redes sejam assistidas. A confiança mútua não é suficiente para garantir uma inserção social, cultural e laboral na sociedade receptora. Os migrantes estão sujeitos a novos códigos e interpretações, o que pode gerar conflitos, se não forem compreendidos corretamente. Como diria Clifford Geertz (1979), os sentidos que damos às nossas ações diferem de grupos ou sociedades, e até mesmo entre uma piscadela e um tique nervoso há diferenças sutis.

As literaturas sobre migração e, especificamente, sobre a migração venezuelana, juntamente com a etnografia realizada nos espaços onde ouvimos as narrativas dos migrantes, nos permitiram compreender a organização e a dinâmica dos três espaços de sociabilidade dos venezuelanos. As redes migratórias desempenham um papel importante, especialmente a rede pessoal solidária. A maioria dos integrantes desses espaços reside longe do bairro Cidade Satélite. Embora não sejam oficialmente reconhecidos como líderes, os mais velhos de cada espaço são referências para os demais.

Esses espaços fazem parte da rede de acolhimento migratória tanto internacional quanto nacional para os migrantes venezuelanos que se dirigem ao Brasil e para o interior do território brasileiro. Nas *maticas* são construídas redes pessoais, pessoais solidárias, redes sociais e migratórias, capital social solidário e redes pessoais solidárias. A rede pessoal de solidariedade assistida desempenha um papel crucial, permitindo que a migração prossiga em busca de uma migração por carreira em uma nova sociedade que não carrega estigmas sociais. Caso o migrante opte por permanecer na sociedade de Boa Vista, essa rede atua como mediadora de sua inserção sociocultural.

Os migrantes frequentemente aceitam trabalhos temporários informais como estratégia de sobrevivência. Isso ocorre porque, no momento de entrada no território brasileiro, eles possuem os documentos necessários para serem contratados formalmente. No entanto a urgência de enviar recursos à Venezuela muitas vezes leva a recusas de ofertas de trabalho com

carteira assinada ou pagamento mensal. A exceção ocorre quando o migrante acumulou bens que garantem sua sobrevivência e a de sua família até o recebimento do pagamento mensal.

A relutância em se afastar além dos estados de Roraima e Amazonas deve-se, em grande parte, ao medo de perder a proximidade com a Venezuela, bem como os meios de envio de alimentos e dinheiro. No entanto, à medida que as redes migratórias e os sistemas de acolhimento se expandiram e foram criados, os migrantes passaram a buscar regiões mais distantes, como o Sul e o Sudeste. Essa expansão também possibilitou a reunificação familiar.

Quanto às dinâmicas desses espaços, as rodas de conversa são uma parte essencial das *maticas*. Através da troca de experiências, os laços e afinidades entre os migrantes se estreitam, permitindo a criação das redes que fazem parte do processo migratório venezuelano, incluindo as relações pessoais solidárias. Observa-se até mesmo o conceito de capital social solidário, conforme proposto por Oswaldo Truzzi (2008), dentro das redes migratórias.

Em suma, os debates sobre migração, suas novas categorias e outros temas correlatos são vastos, mas acreditamos que compreender e ouvir diretamente as experiências daqueles que vivenciam a migração confere uma conotação especial. A partir da etnografia e das narrativas de nossos interlocutores, bem como das trajetórias dos três líderes, entendemos que migrar é um sentimento carregado de saudade e de sofrimento. Essa experiência profunda transcende meras estatísticas e políticas, revelando a complexidade e a humanidade inerentes ao ato de deixar um lugar para buscar sobreviver em uma sociedade.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Mariana; NEPOMUCENO, Raísa; MIRANDA, Carla. **Migração por sobrevivência: soluções brasileiras**. Brasília: REMHU, 2015.
2. BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
3. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, 2007.
4. BRAZ JÚNIOR, Carlos Roberto. **Os reflexos da migração venezuelana desordenada para o Brasil**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/handle/123456789/3758>. Acesso em: 14 dez. 2024.
5. CORRÊA, Aline. **Projeto Assistencial: a construção de uma ouvidoria e saúde escolar**.

2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
6. DURHAM, Eunice Ribeiro. Migrantes Rurais. *In: DURHAM, Eunice Ribeiro. A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia.* São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 181-201.
 7. FGV-DAPP; OBMigra; UFRR. **A economia de Roraima e o fluxo venezuelano: evidências e subsídios para políticas públicas.** Rio de Janeiro: FGV-DAPP, 2020. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2020/02/FGV-DAPP-2020-A-economia-de-Roraima-e-o-fluxo-venezuelano_compressed.pdf. Acesso em: 25 set. 2021.
 8. GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. *In: GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989. p. 14-54.
 9. GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
 10. GONÇALVES, Rita; LISBOA, Teresa. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Ver: Revista Katal**, Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 83-92, 2007.
 11. GOV.BR. **Acolhida.** Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/assistencia-social/operacao-acolhida>. Acesso em: 03 maio 2020.
 12. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 5. ed. Editora Centauro: São Paulo, 2003.
 13. MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Trad. Hilda Pareto Maciel-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
 14. OLIVEIRA, Antônio. **A migração no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos.** 2019.
 15. OLIVEIRA, Márcia; SARMENTO, Gilmara; VALERIO, Joel. Perfil migratório venezuelano e demandas por políticas públicas em Boa Vista. *In: OLIVEIRA, Márcia Maria de Oliveira; DIAS, Maria das Graças (org.). Interfaces da mobilidade humana na fronteira Amazônica.* Boa Vista: Editora da UFRR, 2020. p. 59-92.
 16. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
 17. SANTOS, Alessandra Rufino. **Interação social e estigma na fronteira Brasil/Venezuela: um olhar sociológico sobre a migração de brasileiros e venezuelanos.** 2018. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto

- de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180609>. Acesso em: 14 dez. 2024.
18. SAYAD, Abdelmalek. A ordem da imigração na ordem das nações. *In*: SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 265-286.
19. SILVA, Antonio. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 73-98, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0009>. Acesso em: 14 dez. 2024.
20. SILVA, Simone Tavares da. **Cruzando fronteiras**: um estudo sobre mobilidade humana, construção de redes e de novos territórios de imigrantes venezuelanos (as) na cidade de Manaus/Amazonas. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/8914>. Acesso em: 14 dez. 2024.
21. SOARES, Weber. Para além da concepção metafórica de redes sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., Ouro Preto, 2002. **Anais [...]**. Ouro Preto: Abep, 2002.
22. THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: história Oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.
23. TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, n. 1, v. 20, p. 199-218, jun. 2008.

Germano Lopes Ângelo

Professor da Carreira de Magistério da Educação Básica do Estado de Roraima. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas. ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1876-2009>. Colaboração: Pesquisa bibliográfica, Pesquisa empírica, Análise de dados, Redação, Redação. E-mail: lopesgermano33@hotmail.com

Olendina de Carvalho Cavalcante

Professora do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima. Doutora em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-5036-6556>. Colaboração: Redação, Redação. E-mail: dcavalcante@hotmail.com